

O PROJETO DO JARDIM X O PROJETO DA SERPENTE (Gn 2,4–3,24)

Günther Wolff

Queremos olhar para o texto de Gênesis capítulos 2 e 3 como um bloco interligado. Daria para dizer que um é o texto (o Projeto de Deus) e o outro é o antitexto (a Realidade). Um é o sonho e o outro é a crua realidade. Um é o Projeto de Deus e o outro é o Projeto do Diabo ou da religião opressora ou da realidade opressora. Contrapomos os dois textos a partir das palavras-chave que neles há. Na verdade se contrapõem os projetos do Modo de Produção Tribal (Gn 2) ao projeto do Modo de Produção Tributário (Gn 3). O capítulo 3 fala claramente da concepção de mundo defendido no Modo de Produção Tributário; ali se expressa a denúncia profética do sofrimento do povo que agride a vontade de Deus. Ali está expresso o sofrimento e a opressão do camponês, na verdade da classe camponesa. É o suor do trabalho do camponês que vai via tributo para o Estado; é o sofrimento do parto da mulher que gera o filho para ser morto nas guerras do Estado ou morto de fome e doença; é a submissão do camponês ao Estado repassada à mulher; é a reprodução da ideologia estatal para dentro da família. O homem repassa a opressão sofrida pelo Estado para dentro da família oprimindo a mulher e culpando-a por todo o sofrimento da classe camponesa. Alguém que não o Estado deve ser o responsável pelo sofrimento e este alguém fica sendo a mulher. Assim o Estado se redime da culpa pelo sofrimento da classe camponesa e repassa a culpa à mulher que se deixou seduzir pela serpente (ideologia do Estado ou teologia dos deuses cananeus ou egípcios). A vítima acaba sendo a culpada de seu sofrimento e do sofrimento de toda humanidade.

Gn 3 é o antitexto:

Deus fala e age do jeito de Gn 2, isto vemos em toda a Escritura. Por isso Gn 3 é um antitexto, pois Deus não fala e age desta forma. Aqui Deus está no papel do rei que agia como deus no Modo de Produção Tributário. Aqui o rei foi vítima da idolatria que ele mesmo fomentava em Israel.

No capítulo 3, a partir da sugestão da serpente, a mulher (que é a personagem central do texto, o homem é totalmente passivo) come do fruto da árvore da vida e o dá também ao homem. Resultado imediato é a descoberta do corpo e da sexualidade (Gn 3,7). Começa a descoberta do conhecimento: do corpo e da sexualidade. O conhecimento do bem e do mal é proibido à classe camponesa, pois somente o Estado sabe o que é certo e errado (para ele). Sugiro refletirmos e olharmos para um ponto novo. Na verdade a mulher começa um grande processo de libertação dentro do Modo de Produção Tributário, e leva o homem junto neste processo. Assim o processo de libertação inicia pela mulher rompendo o monopólio do conhecimento do Estado e rompendo o

monopólio sobre o corpo das pessoas sujeitas ao Estado. Agora a classe camponesa conhece o certo e o errado, por isto pode começar a construir coletivamente a sua história. Sabe discernir o que é bom: o Paraíso (onde não há Estado e nem classes sociais), e o que é mal (o Estado tributário com suas classes sociais). Aqui daria para dizer que a postura de Deus é a postura do rei, pois o rei tomou o lugar de Deus no Modo de Produção Tributário. Por isto Deus só castiga neste capítulo. Assim a mulher começa o seu processo de libertação do Estado e leva o homem junto. A mulher criou a resistência em se apropriar do conhecimento. A mulher foi a primeira a se rebelar contra o monopólio do conhecimento e opressão do corpo e da sexualidade, portanto da opressão do Estado/deus. Ela ainda usa o instrumento do estado, deuses falsos, para se libertar, e com isto está dizendo que a idolatria do estado está cortando em seu próprio dedo. O feitiço vira contra o feiticeiro.

A religião possibilita desobedecer leis opressoras que impedem o se apropriar do conhecimento. Conhecimento é saber fazer análise da realidade para iniciar um processo de libertação. Conhecimento é se saber oprimido e é saber se libertar. Por isto a mulher é tão castigada neste capítulo porque ousou enfrentar a lei opressora que lhe impedia o acesso ao conhecimento.

O conhecimento é reservado aos deuses: reis (a mitologia grega tem coisas semelhantes). Rei/deus sabe (conhece) o que é certo e o que é errado. Ao camponês resta obedecer ao que sabe. A mulher inicia a conquista do saber e foi um ato de rebeldia e de libertação: descobriu seu corpo e sua sexualidade e isto é um ato político de enfrentamento do poder do rei/deus.

Em Gn 2 o saber é compartilhado entre Deus e o homem na procura de uma parceira e no dar nome aos animais. E Deus deu poder ao homem para dar o nome aos animais. Deus deu poder a Adão e com isto a todas as pessoas e não só a algumas. O domínio é apenas sobre os animais e não sobre as outras pessoas.

Reservo ao/a leitor/a a alegria de se aprofundar nesta linha de pesquisa: a mulher é a primeira a se rebelar contra as ordens do deus/rei e iniciar o processo de libertação da classe camponesa no Modo de Produção Tributário. E a repressão cai dura sobre ela e seu companheiro que ousaram se apropriar do conhecimento que era exclusividade da classe do estado. Saber é poder. A revolução começa com o conhecimento de seu corpo (oprimido) e da descoberta de sua sexualidade (reprimida). Wilhelm Reich explica, Freud também.

O NT fala que o centro de nossa fé é a ressurreição do corpo. Jesus Cristo ressuscitou com o corpo: esta é a revolução. A descoberta do corpo como centralidade do processo de libertação! O que se oprime? O corpo das pessoas. O que se liberta na Páscoa? O corpo! A opressão e a exploração são sobre o corpo das pessoas. A eliminação física do corpo é o castigo maior gerado pelos opressores. E com isto mostram a centralidade do corpo (da pessoa). A descoberta do corpo como centralidade é o início da libertação. O castigo dos/das rebeldes recai sobre seu corpo: tortura, prisão, exílio, fome, morte do corpo; eliminação física do corpo é o castigo maior dos que desobedecem as leis do rei/deus. Sem corpo (pessoa) não existe o poder da exploração; pois é o

corpo da pessoa que é explorado no processo de produção de mercadorias; é o corpo das pessoas que é usado para produzir mercadorias e gerar lucro. Não se gera lucro sem as pessoas (os corpos). Por isso o Verbo se fez carne (corpo, matéria: Jo 1,14) e armou tenda (não Templo, porque o Templo estava a serviço do Estado desde o Modo de Produção Tributário com Salomão. Tenda lembra processo de libertação do Egito).

Não é de graça que os movimentos de mulheres no Brasil acentuam tanto a descoberta do corpo e da sexualidade da própria mulher no processo de conscientização, organização, luta e libertação. Isto é bíblico! É a descoberta do corpo oprimido e libertado! O texto avisa: repressão haverá para todos (os corpos) que se aventurarem a obter o conhecimento, descobrir seu corpo e sexualidade, se libertar e desobedecer às ordens do rei/deus, hoje do capital/deus.

Há um conflito não resolvido no que se refere à serpente. Por um lado ela possibilita a libertação da mulher e de carona do homem, mas por outro lado ela representa os deuses cananeus, mesopotâmicos e egípcios. É opressora por um lado e ajuda a libertar, por outro.

Em Gn 3,1 a serpente é criatura de Deus, não deus. Assim o texto deixa claro que a serpente não é uma deusa da sabedoria e da fertilidade encontradas no mundo cananeu e mesopotâmico. Oficialmente o Templo de Jerusalém combateu muito os deuses cananeus que lhe faziam concorrência. Mas com isto também denuncia a idolatria que era forte durante o estado.

No mundo antigo a serpente era símbolo da sabedoria. Até Jesus falou em ser esperto como uma serpente, mas humilde como uma pomba. A cobra era uma deusa da fertilidade: Qudschu, como também da sabedoria. A sabedoria da mulher aparece muito na Antigüidade relacionada com a árvore e seus atributos. Por isso no texto estão relacionados: árvore da vida, serpente e mulher. É a inter-relação entre sabedoria, fertilidade e alimento. Na iconografia oriental a árvore está associada com a mulher. Deusas da árvore havia no Egito. A mulher aparece na árvore ou em frente dela.

No mundo greco-romano a serpente era a deusa relacionada ao alimento. As mulheres mantinham uma serpente na despensa onde ficavam os alimentos: cereais, etc. para que ela cuidasse da comida: comia os ratos que ameaçavam a família da fome. Assim as pessoas tinham um bom relacionamento com a cobra. Ainda hoje nos galpões de pequenos agricultores há cobras verdes que são deixadas vivas ali para caçar ratos.

Aqui a discussão não gira em torno do pecado cometido pela mulher (como sempre se disse), mas gira em torno de um processo de libertação iniciado pela mulher (a mais oprimida) que leva o homem junto. Se há pecado, então este é do estado que diminui a vida dos camponeses. É uma briga contra o Modo de Produção Tributário que durou até o período grego que inicia em 332 a.C. com Alexandre o Grande. Então este texto pode ter sido gerado até este período.

A serpente, a mulher e o homem são castigados por terem se apossado do conhecimento que o seu corpo estava sendo explorado. Gn 2 é a denúncia de que Deus gerou os seres vivos livres, o que não mais acontecia no Modo de Produção Tributário, relatado em Gn 3.

Em Gn 3 o papel de Deus é o papel do rei que passeia no seu jardim e baixa leis repressoras contra os camponeses “desobedientes” (não pagavam com boa vontade os impostos e os sonegavam). No texto não aparece a palavra pecado, ela só aparece em Gn 4,7. Gn 4 fala do pecado que é a luta de classes entre o pastor (sem terra) Abel e o agricultor (com terra) Caim (Gn 4,2). O pecado inicia com a existência de classes sociais e a luta que é travada a partir daí mata o mais fraco (o sem-terra e pastor Abel). Assim, na verdade, *o primeiro pecado foi cometido por um homem: Caim*. Pois Gn 3 nada tem a ver com pecado, e, sim, com processo de libertação iniciado pela mulher. E não qualquer mulher, mas a mãe de todos os seres humanos (Gn 3,20). Desde o princípio está dentro da mulher a semente da resistência e da libertação e não a da resignação e da submissão. Conseguiu-se durante milênios falar do pecado da mulher, do pecado original, se relacionou sexualidade ao pecado, etc. quando o primeiro pecado foi cometido por um homem: o agricultor Caim. Vemos como é eficiente a propaganda do Estado (da classe opressora) que é repassada sem vacilar e é assimilada por todos como a grande verdade. Em Gn 3 se pode falar de desobediência; e isto ainda não é pecado. Hoje se fala em desobediência civil e isto não significa cometer pecado. Mas significa enfrentar o opressor dentro de um processo de libertação. A não ser que falemos do pecado do Estado que submete os seres humanos à sua exploração. Aqui aparece a desobediência à lei de não comer da árvore da vida que dá o poder do conhecimento do bem e do mal. Aparece, assim, a luta de classes entre camponeses e Estado, que castiga os camponeses que desobedecem as suas leis. Os camponeses sempre tiveram medo do rei e vergonha da sua situação de nudez de vida, alimento, roupa e liberdade. É normal o oprimido ter medo do opressor e vergonha frente a ele.

Os dois textos estão entre o sonho e a realidade. A classe camponesa israelita sonha com o Jardim mas vive a realidade opressora do deserto do Projeto da Serpente, imposta pela classe do Estado. Aparecem aqui as lutas entre o sonho da classe camponesa e a dura realidade de opressão do modo de produção tributário da monarquia israelita onde o trabalho é um castigo, pois o resultado deste vai como tributo ao Estado. Estado este que seduziu o camponês do modo de produção tribal para o tributário; agora ele está sentindo o seu efeito devastador em sua vida. Agora tudo é maldição, sofrimento e desgraça. Foi expulso de sua terra pela espada (de fogo) do exército real. A espada (exército?) impede o camponês de voltar para a sua terra, seu jardim; isto lembra 1 Sm 8,11-17.

Gn 2 fala do início da criação, mas de fato sonha com o futuro. É o desejo que no futuro volte o jardim como possibilidade para o ser humano. Quando se fala do passado com saudades se está desejando que este passado volte a acontecer no futuro. Fala-se do passado como um projeto para o futuro. Denuncia-se o presente que não é mais assim e se sonha que o futuro seja como foi o passado. Denuncia-se o presente como sob o poder da serpente. Com isto está se dizendo que o Estado israelita é decorrente da idolatria e a reproduz, pois se está vivendo no momento exatamente isto que fala Gn 3. Desta forma o modo de produção tributário defendido pela monarquia não é resultado da vontade de Deus, e, sim, da vontade da serpente. Mas estes seguimentos aos deuses pagãos são contraditórios e podem se voltar contra o estado, como vimos no texto. Por um lado escraviza e por outro lado possibilita a tomada do conhecimento da opressão dos camponeses.

Por um lado o Projeto da Serpente oprime os camponeses por causa da idolatria do estado e por outro lado liberta-os para descobrir sua situação de opressão. A idolatria do estado revela que o rei não está conforme a fé em Javé. A mulher faz uso da idolatria para denunciá-la. Tira-se a legitimidade da monarquia e de seu modo de produção. Assim o Projeto do Jardim vira proposta a ser alcançada e motivo para se viver lutando por este ideal. É o sonho da volta do jardim. É a lenda da criação livre de Deus que sofre por ter se apossado do conhecimento. Há lendas gregas parecidas que falam do castigo dos deuses sobre pessoas por terem revelado conhecimentos exclusivos dos deuses que melhoraram a vida das pessoas, como, por exemplo, o fogo.

O Jardim apenas surgirá novamente no capítulo 21–22 do Apocalipse, onde Deus estará permanentemente presente na Nova Jerusalém (Ap 22,1-5; v. 2: “No meio da sua praça, de uma e outra margem do rio, está a árvore da vida”; v. 3: “Nunca mais haverá qualquer maldição”). Somente no Apocalipse se fecha o círculo; onde no fim vai ser como foi no começo, até melhor que no começo.

Vejamos agora as características destes dois projetos:

Características de cada projeto

Gn 2 – O Projeto do Jardim (o sonho) e Gn 3 – O Projeto da Serpente (o real)

Deus – 2, 2-4 + 7 + 15 + 19 + 21. – Deus é fundamentalmente ação e graça nestes versículos. Cria e se preocupa para que a criação tenha condições de vida, felicidade e satisfação. Os elementos da criação estão interligados e interdependentes. Só dá para falar de Deus a partir de sua ação graciosa. Em Gn 2,5 Deus organiza o “caos” pois tudo é deserto e não tem roça e porque não choveu e não cresceu planta; isto podemos comparar com Gn 1,2. Deus criou a pessoa para trabalhar na roça – o Jardim. A planta depende de quem a planta, que é o camponês. Gn 2,5: “Não havia pessoa para lavrar o solo”. Em 2,8 diz: “E Deus plantou um jardim”, isto é linguagem camponesa. Do solo/terra brota a vida: 2,9: pessoas, animais e plantas. Terra é a base da criação: 2,7 (homem), 2,9 (plantas) e 2,19 (animais) são criados a partir da terra. Aqui Deus é graça pura, amigo e preocupado com a felicidade e vida plena de sua criação. Para o camponês tudo só pode surgir da terra, é a sua lógica. Deus é o criador e a terra é a matéria-prima.

Deus – 3,8-24. – Neste texto Deus só castiga a vida e a expulsa do Jardim. Deus continua sendo ação, mas contra a sua criação, piorando as condições de vida das pessoas e dos animais, se vingando. Aqui só há juízo, nada de graça. Só denuncia o pecado e suas conseqüências catastróficas para as pessoas e animais. O conflito central aqui é a serpente e o seguimento às propostas da serpente por parte das pessoas. Deus não admite que se siga outro projeto. Se as pessoas querem seguir outro projeto, então estão fora da proposta de seu Jardim. Que sejam conseqüentes, caiam fora do jardim, se querem dar ouvidos e fazer o que a serpente diz e contrariar a proposta de Deus. Não dá para viver no Jardim e seguir a proposta da serpente! Mesmo após a queda Deus continua a falar com as pessoas. Deus aqui mete medo, castiga, é juiz que nem o rei do estado israelita. Aqui as pessoas se escondem de Deus como se escondem do rei para não entregar seus filhos ao exército e para não pagar tributos. O sentimento em relação a Deus é de medo e de

culpa. Aqui Deus age como o rei age em relação à classe camponesa. A serpente (o diabo) que é o deus do rei manda agora e faz valer o seu projeto de sociedade.

Graça. – Todo o texto é graça e de graça para a satisfação de Deus e de sua criação. Deus dá vida e mantém a vida de graça e o resultado é a satisfação da própria criação e de Deus. Deus cria tudo por sua graça e para seu prazer e o de sua criação. Tudo é obra de Deus.

Desgraça – 3,8 + 13 + 15 + 16 + 17 + 23. – Todos estes textos são desgraça, punição, castigo, inimizade e sofrimento. Deus castiga a vida e expulsa a vida do seu Jardim. Aqui Deus aparece como juiz que maldiz e persegue a sua criação. Nada de graça e bondade, só sofrimento e exclusão. Escolheram a proposta da serpente, então agüentem as conseqüências. Não dá para viver a proposta da serpente no Jardim. Toda a vida das pessoas, animais e plantas está em desgraça. As pessoas seguem a serpente e a desgraça recai sobre toda a criação. Seguir o Projeto da Serpente significa destruir o Jardim. Hoje vemos isto de forma muito clara: o deus capital (serpente de hoje) não deixa o Presidente Bush assinar o Protocolo de Kioto que reduz a emissão de gases na atmosfera e com isto está condenando a si mesmo à destruição.

Jardim – 2,8-9 + 15-16. – O mundo é o jardim de Deus no qual ele pôs as pessoas para que se sintam bem, guardando-o e cultivando-o. Tem tudo neste jardim para a alegria, realização e alimento das pessoas. Deus quis proteger as pessoas para que não aprendam o mal, proibindo que comam da árvore do conhecimento. Aprendendo o mal destruiriam o jardim. No jardim convivem harmoniosamente pessoas, plantas e animais. A pessoa humana faz parte da biodiversidade da criação. Somente as plantas são para alimento (2,9; 3,18), os animais são companheiros, não são alimento. Aqui o trabalho é apenas colher os frutos que brotam do solo por ação de Deus (v. 9). É a descrição do modo de produção tribal.

Jardim – 3,23-24. – Aqui o Jardim virou deserto como antes da ação de Deus. O prazer e satisfação que o Jardim trazia, sendo a casa das pessoas e animais, agora é pura desgraça para ambos. Agora estão fora do Jardim e conseqüentemente vivem no sofrimento. Cultivar e guardar agora não é prazer e algo automático, mas é sofrimento e obrigação. Antes não havia suor para comer e viver, agora há. Quem tinha jardins nestas regiões áridas eram somente os reis nos seus palácios; antes o jardim era para todos. Agora a terra precisa ser lavrada; precisa-se subjugar e brigar com a terra para explorar dela o alimento. Assim como o Estado briga com o camponês e o subjuga e o explora para dele tirar o tributo. As pessoas foram expulsas do jardim para trabalhar (v. 23). Já que não mais estão no jardim devem trabalhar em condições desfavoráveis para manter-se e manter o Estado. Vai trabalhar, vagabundo!

Terra – 2,5-7 + (8-9 + 15-16). – O v. 4 diz que Deus criou os céus e a terra, mas fala somente da terra dali para diante. Não se fala da criação do céu como em Gn 1. Em Gn 1 Deus criou primeiro o céu (luz, firmamento; somente no 3º dia criou a terra). Em Gn 1 a discussão é sobre o céu: luta contra os falsos deuses da Babilônia que escravizam; ali o conflito principal é o céu e culmina com a discussão sobre o resultado do trabalho, que é o descanso. Aqui a terra é o conflito principal; tudo gira em torno da terra que ele trans-

formou num jardim onde vivem as pessoas e os animais em harmonia numa casa só. A pessoa foi feita da terra. Terra é o elemento primordial do qual surge o homem e o jardim. Da terra nascem as plantas que são bonitas e dão frutos para a alimentação (v. 9). A terra é o elemento do qual nós surgimos e sem a qual não podemos sobreviver, portanto é quase mais importante que nós pessoas. Pois as pessoas morrem e a terra permanece. Se não houvesse a terra não haveria pessoas e nem jardim com plantas e animais. As pessoas não são mais importantes que a terra, visto que morrem e a terra permanece. Os animais também surgiram da mesma terra que o homem. Terra é matéria-prima para formar o homem, os animais e as plantas. Terra é o elemento primeiro e o mais importante, sem a terra nada se faz. Em nível de importância, primeiro a terra, depois o homem. A pessoa foi feita de terra, por isso a pessoa é parte integrante da ecologia e não está acima dela. A pessoa é parte do universo e não dono dele. Destruindo a ecologia a pessoa se autodestrói, destrói sua casa (oikos), sua origem. Para o camponês nada é mais importante que a terra; camponês sem terra é uma pessoa incompleta. Esta é uma teologia camponesa ou uma teologia da terra. A terra foi criada por Deus e este concede o seu uso ao camponês. Aqui não há propriedade privada da terra, ela é de Deus.

Terra – 3,17-19. – No texto anterior terra era bênção e origem da vida, aqui é maldição: a serpente vai comer pó, a terra vai produzir só espinhos, a terra é maldita e com fadiga a pessoa terá que tirar da terra a sua comida. “Por fim tornarás à terra, serás mortal e adubo para as plantas” (v. 19). O final da vida será pó somente, nem adubo será e nem alegria, satisfação e vida eterna. Em Gn 2 não se fala de morte, só de vida. No Jardim a vida é eterna; aqui (Gn 3) ela acaba voltando à terra. O ciclo da vida começa pela terra e termina nela. Antes a terra produzia coisa boa, agora só coisa ruim. Antes o objetivo da vida era satisfação e realização da pessoa, agora é sofrimento. A terra não é mais origem de vida, mas é o túmulo e a morte. A terra de origem e preservação da vida passou para algo a ser dominado e sujeitado pela pessoa, como inimiga. Agora vai ter que lavrar a terra com sofrimento (modo de produção tributário), antes só colhia os frutos (modo de produção tribal). Em Gn 4 já aparece o conflito de classe entre o pastor (sem terra) e o lavrador (dono da terra [e do Estado?]). Deus apóia o pastor sem terra. Aqui a terra produzirá cardos e abrolhos (3,18); maldita é a terra (3,17). “Tu comerás a erva do campo” – é o ser humano (camponês) tornado igual ao animal pelo Projeto da Serpente-Estado e sua religião opressora – vai pastar que nem animal (3,18). Se foi a dignidade! Aqui se descreve a realidade da classe camponesa no Modo de Produção Tributário. Tudo porque se seguiu a proposta da serpente e não a proposta de Deus. É denúncia pura!

Casa – 2,18-24. – Não se fala diretamente de casa mas do ecossistema e da biodiversidade; é a ecologia (oikos = casa). A casa é o jardim, que é a descrição do ecossistema. Há convivência harmoniosa entre homem, mulher e animais. A companheira é auxiliadora. Os animais são parceiros, pois entre eles se procura uma companheira. A “casa” dos dois é coisa boa e foi feita especialmente para os dois se sentirem bem (v. 9a). Os animais e as plantas (o meio ambiente) fazem parte da casa das pessoas. O v. 9a diz bem claro que o meio ambiente foi feito especialmente para as pessoas se sentirem bem: agradável à vista e boa para alimento. A casa é o jardim.

Casa – 3,1-5 + 13-15 + 18. – A casa virou local de conflito entre homem, mulher, animais e plantas: v. 18: “Ela produzirá também cardos e abrolhos”. Agora se dá a luta entre pessoas x animais x plantas. Não existe mais interação e, sim, luta, ódio e perseguição. Antes os animais eram auxiliares da pessoa, agora são inimigos mortais entre si. A casa agora é outra. O que era a casa virou campo de batalha. O que era harmonia virou luta. Bagunça total.

Trabalho – 2,15. – Guardar e cultivar o jardim é a tarefa do homem e da mulher. A criação de Deus é um *Jardim* feito especialmente para as pessoas se sentirem bem guardando-o e cultivando-o. O Jardim foi feito para proteger as pessoas e dar-lhes condições de vida e alegria. Cultivar e guardar é algo positivo e agradável; trabalho é um bem e faz parte da boa criação de Deus; não é uma imposição e sofrimento. O trabalho humano é a continuação da criação de Deus.

Trabalho – 3,17-19. – Antes o cultivar e o guardar não eram trabalho como agora se entende. Era satisfação e realização pessoal! Agora trabalho é punição, castigo, suor, sofrimento, desgraça. A causa do suor e da dor não é a terra, mas a serpente. Por que tanto suor? Porque o projeto da serpente precisa manter o sistema (Estado), guerras, aparato do estado, tributos. O suor para sobreviver retrata a opressão da classe camponesa. O trabalho é seu túmulo; ele vai cavando para dentro da terra até morrer. O fim do trabalho é o túmulo e não a vida (v. 19). O camponês vai trabalhar até morrer, a morte como resultado do trabalho.

Mulher – 2,18 + 21-25. – Mulher e homem são uma só carne, nada de desigualdades, os dois são da mesma matéria (v. 24). Mulher é auxiliadora, significa: em nível de igualdade manter conjuntamente o jardim de Deus (conforme prática no Modo de Produção Tribal). Auxiliadora para que o homem não seja só no viver no jardim. Homem não consegue viver sem mulher, de tão importante que ela é. Sem a mulher a vida do homem não tem graça, é solidão pura. Auxiliadora não é posição de inferioridade mas de igualdade na tarefa de guardar e cultivar o jardim de Deus. V. 24: “tornando-se os dois uma só carne” significa igualdade e unidade de objetivos de vida. Homem e mulher são diferentes que se completam, nisto reside a beleza e a plenitude da criação. A mulher é tão especial que não surge da terra mas do próprio homem, é o ápice da criação, o destaque. Os animais estão em situação de igualdade no convívio, fazem parte da casa, são companheiros.

Mulher – 3,1-6 + 16-19. – Agora a mulher é a traidora e não a companheira e auxiliadora. Trouxe a maldição e a desgraça em vez de alegria e companhia. Em vez de alegria na vida vai ter sofrimento: no parto, na relação com os animais e será dominada e governada pelo homem. De auxiliadora acabou virando escrava (como era no Modo de Produção Tributário). Em vez de trazer alegria traz desgraça e sofrimento, e é culpada pela expulsão do jardim e pela desgraça de toda a humanidade. A mulher é responsabilizada pelo pecado da humanidade. Leva o homem ao mau caminho, o seduz com suas propostas indecentes e idólatras que só trazem sofrimento e desgraça. Ouve a serpente que representa os interesses do Estado – religião oficial para legitimar o sistema tributário. A procriação segue a lógica do Estado – não do clã – para ter funcioná-

rios, soldados, servos a seu serviço e camponeses para pagar tributos. Aí cabe o culto aos deuses da fertilidade. A mulher vai ser governada e é inferior, assim como o Estado governa os camponeses inferiores; aqui mulher não é parceira, é súdita. A relação entre homem e mulher equivale à relação entre soberano e súdito. É o homem que dá o nome à mulher (Eva = mãe de todos os seres humanos: 3,20), o que demonstra a subordinação da mulher ao homem. Por ter causado tanta desgraça ela terá que ser agora subordinada ao homem para que não faça mais bobagens. É o tipo de argumentação necessária para o patriarcalismo alicerçado no Estado que, subjuguando a mulher, consegue subjugar a classe camponesa aos interesses do Modo de Produção Tributário.

Rios – 2,10-14. – Rios e riqueza estão juntos; os rios estão ao lado do ouro e pedras preciosas; portanto devem ser valorizados igualmente. Num deserto como Israel água vale ouro! Este assunto só aparece aqui neste texto. Até a terra dos opressores babilônicos fazia parte do jardim, pois opressão é algo que ali não existe. Diz o texto: “o ouro desta terra é bom” (v. 12); ele não representa ameaça e não é motivo de guerra e morte.

Rios –. Em Gn 3 não se fala de rios, nem de água e nem de riquezas; é deserto puro, é aridez pura, é sofrimento puro! A questão agora é se sujeitar à vida que se leva e pronto! Não há perspectivas de melhora. O que ajuda à sujeição da classe camponesa aos interesses da classe que controla o Estado. Não adianta querer vida melhor; o negócio é se satisfazer com a vida que se tem, pois isto é o resultado do nosso pecado original e isto ninguém muda. Gn 3 é um ótimo texto para justificar a opressão do Estado sobre a classe camponesa. Os camponeses estão sofrendo porque isto é um castigo de Deus e isto não se consegue mudar. Além deste texto ser uma denúncia da opressão, pode ser lido também como uma forma de justificar a opressão se usado pela classe dominante.

Árvore da Vida – 2,9 + 17. – A Árvore da Vida aparece duas vezes. E Deus está preocupado pela preservação da totalidade de sua criação impedindo as pessoas de conhecerem o bem e o mal, pois daí em diante poderão optar por um dos dois e certamente optarão pelo mal e isto destruirá a sua criação.

Árvore da Vida – 3,1-13 + 22. – A metade do texto fala dos frutos da Árvore da Vida e das conseqüências de ter comido destes frutos. A serpente seduziu à desobediência e à adesão de sua proposta. O resultado da adesão à proposta da serpente é a desgraça da criação e a ira de Deus.

Animais – 2,19-20. – Há um convívio harmonioso e uma interdependência entre pessoas e animais. Os animais são fundamentais na vida das pessoas. Foram criados da mesma matéria que o homem, têm pois a mesma origem e têm a função de ser auxiliares na manutenção do Jardim de Deus, que é cultivar e guardar. Têm, pois, a mesma função que as pessoas e as plantas no Jardim.

Animais – 3,1-5 + 14-15. – São inimigos e não mais auxiliares e cooperadores do ser humano na manutenção do Jardim. Agora também existe uma inimizade entre os animais. A casa se desintegrou em desarmonia e inimizade.

Lei – 2,16-17. – Só há uma lei: podem comer de tudo menos da árvore do conhecimento do bem e do mal, pois só conheciam o bem. Aqui a lei aparece como proteção.

Lei – 3,14-24 (23-24). – Antes só havia uma lei, agora quase todo o texto é lei e repressão. Antes a lei queria proteger a vida, agora traz sofrimento; assim como a lei do Estado. Quase todo o texto é lei e esta é castigo. Reflete a vida sob o Estado monárquico: leis que fazem a classe camponesa sofrer e passar necessidades para se manter.

Pessoas – 2,7 [*adam* (= homem) formado da *adamah* (= terra). Homem e terra têm a mesma raiz] + 15 + 18 + 21-25. – A pessoa não está no início, mas vem após se ter falado de plantas, terra e chuva. Disto se conclui que as pessoas dependem disto para existirem. Com isto estão incluídas num conjunto, fazem parte da biodiversidade e interação. Por isso por ordem de importância vem: terra, céus, plantas, água (chuva), pessoas e animais. A coroa da criação é a mulher que dá sentido à vida do homem. A mulher é feita de matéria nobre, da carne do homem; por ser mais nobre, não foi feita da terra. A mulher é uma auxiliadora para manter a criação de Deus. Não é inferior mas igual (v. 23-24: uma só carne). Aqui fica claro que o texto foi produzido por um camponês que coloca a sua dependência da terra, plantas, água. Sem estes elementos ele não vive. Por isto vêm antes dele e os animais dependem disto tanto quanto ele, por isso são companheiros e auxiliares. As pessoas são compreendidas no conjunto da criação – não como dominadoras. Mantêm o jardim. Aqui as pessoas não conhecem o mal. São os falsos deuses (serpente) que trazem o mal para as pessoas. E os falsos deuses legitimam a ação do Estado e vice-versa.

Pessoas – 3,1-13 + 16-19. – A pessoa tornou a terra maldita por ter seguido outro projeto: o da serpente. Em vez de trazer alegria para Deus as pessoas só trazem ira e preocupação. Fazem tudo errado e ouvem a voz da serpente e não obedecem as ordens de Deus. Deixam-se seduzir pelo projeto da serpente e com isso geram a ira de Deus. A consequência do seguimento da proposta da serpente é a perda do Jardim e de todos os valores que ali havia. A vida virou maldição. Antes havia harmonia entre a terra (que era geradora de toda a vida) e a pessoa. Agora a pessoa tem que sujeitar a terra (que passou a ser a sua desgraça e sofrimento) assim como as pessoas são sujeitas ao poder do rei. E o homem vai sujeitar a terra, os animais e a mulher. Vale o princípio da dominação de uns sobre os outros como vontade de Deus. Típica teologia/ideologia do Estado que justifica a sujeição como princípio divino por culpa das próprias pessoas e não do Estado. Tudo tem que ser sujeitado. Aqui as pessoas sofrem e têm inimigos; são dominadoras e dominadas. É a realidade da sociedade estatal israelita aflorando. Há aqui uma espiral de dominação. As pessoas são expulsas do jardim porque conhecem o mal e o praticam porque seguem o projeto dos falsos deuses. *Adam* formado da *adamah*: põe todas as pessoas no mesmo nível. Não se justificam classes sociais, ricos e pobres, dominadores e dominados, pois todos vieram da terra, todos têm a mesma origem. O rei tem a mesma origem do camponês explorado, todos são pó da terra (Gn 3,19) e ao pó voltarão. Toda a arrogância da classe do Estado vai por água abaixo nesta frase. Toda a segurança das riquezas acumuladas se torna nula nesta frase.

Sem vergonha – 2,25. – O Projeto do Jardim é sincero, simples e autêntico que nem a atitude de uma criança que corre sem roupa e não se envergonha.

Com vergonha – 3,8 + 10-11 + 21. – Quando se segue a serpente se tem medo e vergonha diante de Deus e das pessoas. A adoração a falsos deuses traz a falsidade e a

inimizade consigo. Tem que fazer a adoração às escondidas, pois a idolatria é reprimida e contra o projeto de Deus. Em alguns casos a idolatria era a fé oficial do Estado.

Maldições – 3,14-19. – Serpente é maldita entre as feras; gravidez da mulher entre sofrimentos; suor e fadigas para produzir os alimentos; a terra é maldita e produz espinhos, a terra será o túmulo das pessoas; mulher será governada pelo homem. “Do suor do teu rosto produzirás o teu alimento” – o trabalho é uma maldição e uma desgraça. Deus amaldiçoou a sociedade que segue a serpente e amaldiçoou a sua própria criação. O v. 22 diz que o homem se tornou como deus, quer dizer, os reis queriam ser adorados como deuses e o eram nos estados vizinhos a Israel. Em 1Sm 8,7 Deus diz a Samuel que o povo não rejeitou a ele mas a Deus com a proposta da sociedade tributária. O texto expressa que a classe camponesa vive uma vida maldita porque se deixou seduzir pela proposta da serpente que encarna a ideologia da classe do Estado e a idolatria dos deuses cananeus cujo resultado é a monarquia. Sob a monarquia a classe camponesa tem uma vida de cão e que isto tudo é justificado pela religião javista.

Integração – 2,24-25. – O texto termina com a integração e interação entre a criação – tornando-se os dois uma só carne –, assim como há também uma interação entre animais, plantas e pessoas. A criação é uma corrente com muitos elos unidos entre si e interdependentes.

Expulsão – 3,22-24. – O texto termina com a expulsão do jardim. Seguir o Projeto da Serpente leva à destruição do Jardim de Deus e à expulsão das pessoas e animais deste Jardim; além da inimizade que existe agora entre pessoas e animais. Assim o texto fala da realidade de hoje, onde a relação entre homem e mulher é de dominação e a relação entre as pessoas e os animais é de dominação e perseguição.

Serpente – 3,1-7 + 13. – É o símbolo na coroa do faraó junto com o falcão; era um deus cananeu e representa os falsos deuses e sua proposta que traz dor, sofrimento e morte entre os camponeses. Serpente é o símbolo do poder estatal no Egito. Seduz os israelitas para sua proposta de sociedade tributária e não cumpre o bem-estar que promete. Resultado da idolatria é o sofrimento e opressão. Os homens assumem a opressão que sofrem na sociedade e dentro de casa oprimem a mulher. O seguimento às propostas dos deuses cananeus trouxe a opressão aos israelitas (Jz 2,11-15). Os israelitas sempre foram enganados pelas propostas do seguimento a outros deuses e com isto trouxeram para dentro de sua casa o modo de produção tributário que significa suor e morte. Cada deus tem seu projeto: O Projeto de Javé é o Jardim e o projeto dos deuses cananeus é a opressão, mentira e sofrimento. A serpente também representa o Estado com toda a sua religião opressora. Em 1Rs 11 e 12,25-33 a idolatria se dá na esfera da cidade, onde mora o rei. Em 2Rs 18,4 fala-se do culto à serpente, isto foi no século VIII. Idolatria é adorar falsos deuses dizendo que se adora a Javé ou simplesmente adorar os dois. Pelos cultos aos deuses da fertilidade os camponeses são incentivados à produção para poderem entregar mais impostos ao Estado e filhos para o exército. Assim o trabalho redundava na morte porque os camponeses se matavam trabalhando para o Estado entregando tributos em forma de trabalhos forçados e mercadorias. Quem adere à idolatria fere a vida, destrói o Jardim de Javé. Quem cede à lógica da ser-

penete cava a própria cova. Será expulso de sua terra, pois esta é a lógica do totalitarismo. Esta é a denúncia dos séculos VIII e VII. Profetas como Oséias e Miquéias denunciaram isto. A serpente representava a sociedade cananéia que era mais avançada que a israelita. Pois foi ela que influenciou Israel a ter um rei e entrar no modo de produção tributário. Israel foi também expulso do seu país e teve que viver no exílio babilônico porque seguiu a falsos deuses e estruturou a sua vida em cima da proposta da serpente (sistema tributário). Quando experimentaram a realidade da monarquia se abriram os seus olhos (3,7) e viram a sua real situação. Por isso se esconderam de Deus, pois sabiam que haviam seguido a proposta do diabo. Os camponeses estavam nus: perderam sua terra, sua liberdade, sua dignidade, sua produção, seu poder, sua autonomia; estavam nus de poder e de vida. Conseguiram distinguir o bem do mal porque souberam analisar as duas realidades: a vida sob o Modo de Produção Tribal – o Projeto de Deus – e a vida sob o Modo de Produção Tributário – o Projeto da Serpente. Após terem experimentado o outro projeto souberam que o anterior era o certo. Só que não mais acharam o caminho de volta, pois a espada os impedia de voltar – o exército era muito poderoso para fazer uma revolução contra o novo modo de produção e a monarquia que o legitimava. Além disto a história anda para frente. É necessário elaborar um novo projeto a partir das experiências anteriores.

Conclusão

A classe camponesa não conseguiu fazer uma leitura correta de sua realidade e se deixou iludir pelo segmento de Israel que havia enriquecido e necessitava do Estado para proteger seus bens acumulados. O texto de Gn 3 é o relato da vida da classe camponesa sob a monarquia. A monarquia é resultado da corrupção das lideranças (1Sm 8,3) e da idolatria (1Sm 7,3-4) e principalmente do surgimento de classes sociais em meio à sociedade. Em 1Sm 8,7 Deus diz para Samuel: “Não te rejeitaram a ti, mas a mim, para eu não reinar sobre eles”. Agora o rei tem o papel de Deus.

Assim os dois capítulos de Gênesis são a denúncia e ao mesmo tempo a proposta. Contando Gn 2, propõem a volta ao jardim (Modo de Produção Tribal?) e ao mesmo tempo denunciam o que perderam. Contando Gn 3, denunciam a opressão sob a qual vivem e propõem o arrependimento para que se possa voltar ao jardim (que parece estar fechado para sempre – 3,24). Propostas para se voltar ao jardim não faltam no AT: Is 65,17-25; Am 9,11-15.

Os dois textos fazem a análise de dois projetos: como é a vida em cada projeto e as conseqüências advindas da opção por cada projeto; com isto se propõe uma mudança na sociedade. Espera-se uma reação e tomada de posição dos ouvintes ou leitores.

Se olharmos para hoje veremos que a sociedade continua reproduzindo e seguindo o Projeto da Serpente onde a divisão da sociedade em classes traz a opressão da classe capitalista sobre a classe trabalhadora; onde o trabalho continua sendo uma opressão e não uma realização pessoal e de co-criação; onde a mulher continua sendo diminuída diante do homem; e a família reproduzindo dentro dela o sistema opressor da sociedade como um todo; onde as pessoas não se compreendem como parte da bio-

diversidade do planeta; onde a serpente (diabo) continua sussurrando ao ouvido das pessoas que elas são deus e que se pode conseguir por conta própria a salvação pelo sofrimento e por boas obras; onde Deus virou o legitimador da opressão do sistema capitalista, dizendo-se que não há outra opção a não ser o capitalismo neoliberal globalizado e quem não crê isto é burro e atrasado; onde cada um precisa construir o seu próprio jardim do Éden às custas da exploração de outras pessoas ou de países do Terceiro Mundo, onde ainda não se aprendeu as lições de Gn 3.

Que o sonho profético de Gn 2 possa nos animar coletivamente a reconstruir a nossa sociedade, a partir da fé no Deus do Jardim, e reconstruir também as nossas igrejas que ainda estão atoladas em Gn 3.

Bibliografia

MESTERS, Carlos: *Paraíso terrestre. Saudade ou esperança?* 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

SCHÜNGEL-STRAUMANN, Helen. *Die Frau am Anfang. Eva und die Folgen.* Münster: Lit Verlag, 1997.

SCHWANTES, Milton. *Gênesis.* Polígrafo. EST, São Leopoldo, s.d.

Günter Adolf Wolff
Caixa Postal 141
89887-000 Palmitos, SC
Fone: (0xx49) 647-0330
E-mail: lobo@smo.com.br